Decorre daí a explicação para as primeiras informações quanto ao preço obtido pelo cereal colhido precocemente em várias regiões do Centro-Sul (que, por tradição, costuma apresentar-se bem cotado justamente pela sua precocidade) ter sido muito inferior ao preço mínimo de R$6,70/60kg. Em meados de janeiro, em muitas regiões do Centro-Oeste do país temia-se que a cotação do cereal viesse a ser no máximo de R$5,50/60kg, sendo que não raro o preço mínimo era visto como inatingível em muitas áreas da região Sul.

Inovações no mercado

Conforme apontado em *Agroanalysis*, 17(3), a pronta ação do governo serviu para controlar esse pessimismo, divulgando os estudos de uma série de medidas de apoio à cultura, incluindo a antecipação das dívidas securitizadas e o lançamento das opções de venda do produto recém-colhido. Cerca de um mês depois, novamente as autoridades confirmaram e explicitaram essas iniciativas, incluindo a imediata disponibilização de R$120 milhões para as operações de AGF de até 2 mil sacas por produtor, independentemente de o produto ser originário de lavoura financiada.

O destaque desse pacote de medidas ficou por conta do contrato de opção, divulgado popularmente como a forma de o produtor adquirir o direito de vender o milho ao governo. Segundo a Sociedade Rural Brasileira em seu *Informativo Rural* de janeiro último: "A opção de venda é um contrato no qual o produtor adquire o direito de exercer ou não a venda de um produto a um preço previamente estabelecido, em uma data combinada. Por este direito, o produtor deve pagar um prêmio, que é negociado com o vendedor do direito, no caso o próprio governo. A venda do direito é feita em leilão, de forma pública e transparente, em que será negociado um prêmio que o produtor estará disposto a pagar para ter o direito de vender ou não sua produção ao governo".

Relativamente à política de EGF e de AGF até agora aplicada à comercialização das safras de verão, o mercado de opções apresenta diversas inovações. Por isso reina certa insegurança no campo quanto à sua implementação, e as cooperativas e lideranças rurais vêm tomando a iniciativa de explicitar aos produtores a nova modalidade de comercialização.

Por último, tem-se questionado sobre a possibilidade de virem a ocorrer exportações do produto ao longo dos próximos meses, e sobre a influência que este comércio teria sobre o mercado interno. Na última temporada, essas vendas chegaram a 500 mil toneladas em seu agregado, tendo funcionado — ainda que de forma passageira — como um suporte extra ao mercado.

A questão óbvia que se coloca é sobre as variações ocorridas no preço internacional do milho neste ínterim — na média dos dois primeiros decêndios do último mês de fevereiro, o preço do primeiro futuro de US$108,17/t registrado para o milho na Bolsa de Chicago era quase 30% inferior ao de um ano antes — e, conseqüentemente, sobre a paridade para uma eventual venda ao exterior no momento. Um rápido cálculo com base nesse valor,[1] no entanto, nos indica que a receita líquida aproximada seria de US$5,22/saca, ou menos do que os produtores previam em suas mais pessimistas projeções para as vendas internas.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

[1] Considerou-se o frete ao custo de US$1,40/saca, que seria o valor médio entre o patamar normal de US$0,90/saca e o valor de US$1,90/saca, este último atingido durante o pico da colheita ao se sobreporem as demandas de transporte para o milho e a soja.

SOJA



Mais uma grande safra

As estimativas tradicionais do desempenho da safra de verão trouxeram, este ano, a notícia de que a produção do agregado grãos deverá somar mais de 81 milhões de toneladas. Retomando os objetivos propagandísticos deste cálculo, vale lembrar que, por muitos anos, sucessivos governos empenharam-se em apontar caminhos para que em futuro não muito distante o país produzisse 100 milhões de toneladas na soma das safras de verão, de inverno e irrigada. Tanto naquela época, como agora, dois dos grãos, um cereal (milho) e uma leguminosa (soja), detêm a parte do leão (hoje mais de 70% do esperado).

No caso da soja, as condições climáticas e o aumento da área de plantio devem resultar em uma colheita inédita, de 26,45 milhões de toneladas, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). No cômputo do IBGE, que ainda não incluiu os estados de Tocantins (produziu 14 mil toneladas no ano passado) e Maranhão (195 mil toneladas, em 1996), a safra foi apresentada, no *Levantamento Sistemático da Produção Agrícola*, como sendo de 24,23 milhões de toneladas, possíveis de obter a partir de um rendimento físico médio esperado de 2.327kg/ha, estimativa considerada muito conservadora.

Em termos de rendimento físico, a primeira tabela apresenta a evolução, desde fins da década passada, do que se conseguiu nos principais países produtores. O desenvolvimento favorável dos brasileiros salta aos olhos e se deve ao maior cuidado com as lavouras, cada vez mais dependentes, no período, do emprego de recursos próprios, com financiamento a juros pouco estimulante.

A atual expansão do cultivo da soja deveu-se ao comportamento favorável dos preços, à ansiedade reinante na Bolsa de Chicago, derivada de sucessivas divulgações de estatísticas do Departamento de Agricultura (USDA) em que a posição dos estoques era apertada (ver *Agroanalysis, 17* (2/3).

As exportações da soja em grão deverão crescer muito, o que desfalcará as vendas externas do farelo e do óleo.

Na presente safra, mais uma vez, destaca-se a sojicultura paranaense, que tem área cultivada bem inferior à gaúcha (2,5 milhões de hectares *versus* 2,94 milhões de hectares) mas rende bem mais no campo (2.100kg/ha, segundo o Deral/PR e 1.954kg/ha, segundo a Emater/RS). Até a última semana de fevereiro, tinham sido colhidos 15% da área, conforme informação da Secretaria da Agricultura do Paraná, que esperava percentual de cerca de 50% até fins de março, quando se colhe mais rapidamente.

O clima, com chuvas bem distribuídas em fevereiro e pancadas ocasionais, que não *acamaram* as plantas, foi extremamente propício. Embora as plantações colhidas estejam mostrando produtividade física muito elevada (média superior a 2.600kg/ha), o Deral acredita que, para que a média estadual chegue a ser um novo recorde, deveria ter chovido menos. O fato porém de os bons preços de 1996 terem capitalizado melhor o sojicultor, fazendo por exemplo com que cuidassem atentamente da calagem, contribuirá para um desempenho excelente.

No Rio Grande do Sul, que novamente será o segundo maior estado produtor, as estimativas são preliminares, pois a colheita se inicia mais tarde, acelerando tão-somente na segunda quinzena de março. A partir de janeiro, as chuvas foram-se distribuindo melhor e, de acordo com a Emater/RS, 2% da safra estavam colhidos; havia 0,5% na fase de enchimento dos grãos, e 4% ainda em desenvolvimento vegetativo. Para esta fonte, a produção local pode chegar a 5,68 milhões de toneladas, com 2,82 milhões de hectares plantados. Para o IBGE, os números são um pouco diferentes: 5,7 milhões de toneladas e 2,92 milhões de hectares.

Nos demais estados, os resultados no início de março eram em geral bastante positivos. As lavouras matogrossenses, devido a maiores precipitações, ainda têm estimativas imprecisas quanto ao que poderão produzir, mas é possível que se atinjam até 5,4 milhões de toneladas. A quantidade colhida no início de março chegou a registrar rendimentos físicos de 2.700kg/ha em algumas áreas.

O quarto maior produtor é Goiás, onde o clima tem sido benéfico às lavouras e a produção, com o rendimento físico médio ao redor de 2.400kg/ha, chegará perto de 2,5 milhões de toneladas.

Num quadro um pouco mais indefinido, situa-se a sojicultura de Mato Grosso do Sul, da qual se espera, porém, que o rendimento físico supere as expectativas, levando à colheita de aproximadamente 2,3 milhões de toneladas.

São Paulo, com estimativas locais de rendimento em torno de 2.400kg/ha (levando à colheita de 1,4 milhão de toneladas), e Minas Gerais, muito afetado pelas chuvas em janeiro e fevereiro e esperando colher até 1,2 milhão de toneladas, fecham o quadro dos grandes produtores.

Soja — rendimento físico médio nos principais países produtores
1987/88 a 1996/97 — kg/ha

Ano-safra	EUA	Brasil	China	Argentina
1987/88 a 1991/92	2.170	1.830	1.400	2.170
1991/92	2.300	2.040	1.380	2.260
1992/93	2.530	2.070	1.340	2.200
1993/94	2.350	1.990	1.370	2.260
1990/91 a 1994/95	2.420	2.080	1.520	2.220
1994/95	2.760	2.260	1.650	2.110
1995/96	2.380	2.160	1.640	2.100
1996/97	2.550	2.220	1.700	2.110

Fonte: *Oil World.*

Em termos de mercado exterior, o relatório de safra do Departamento de Agricultura dos EUA confirmou

os prognósticos positivos para a safra brasileira, revendo-a a maior (27 milhões de toneladas, 1,9% acima do relatório de fevereiro). Isto já era esperado, bem como a correção das exportações, que se fez em percentual bem maior (23,8%) alcançando 5,2 milhões de toneladas.

Para a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) o esmagamento em 1997 será um pouco menor do que o verificado em 1996 (19 milhões de toneladas agora e 20,1 milhões no ano passado), em razão das maiores exportações previstas para o grão (6,5 milhões de toneladas, 64% superiores aos 3,5 milhões exportados em 1996). O esmagamento resultará em 15,7 milhões de toneladas de farelo e 3,75 milhões de óleo. O consumo interno absorverá 5,6 milhões de toneladas de farelo (6%) e 2,75 milhões de óleo.

As exportações do farelo e do óleo também serão reduzidas. Em 1996, foram exportadas 11,2 milhões de toneladas de farelo e, em 1997, espera-se que sejam 10,3 milhões. Quanto ao óleo, a redução será de 1,3 milhão de toneladas para 1,2 milhão.

Os estoques mundiais do complexo da soja continuam baixos, apesar do aumento da produção global dos três componentes — grão, farelo e óleo.

Complexo da soja — produção e estoque final mundiais

1995/96 a 1996/97 — em milhões de t

Produto	1995/96	1996/97	%	1995/96	1996/97	%
Grão	124,76	133,98	7,39	17,33	16,44	- 5,40
Farelo	89,17	90,92	1,96	3,56	3,38	- 5,06
Óleo	20,20	20,47	1,34	2,36	2,23	-5,51

Fonte: USDA.

A partir desses números, o mercado antecipou a preocupação com a extensão do próximo plantio nos EUA e espera que, se for considerado insuficiente, haja maiores altas nas cotações.

Bem antes da divulgação do primeiro relatório de intenção de plantio, em 31 de março, estimava-se que a receita das exportações este ano ficaria em torno de US$5 bilhões, 13,6% superiores às de 1996 (US$4,4 bilhões).

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

MÁQUINAS AGRÍCOLAS

Máquinas agrícolas — recuperação à vista?

Em termos de evolução histórica, a produção e as vendas de máquinas agrícolas chegaram a seu ponto mais baixo em 1996. Dos vários fatores que explicam a situação não se pode ignorar a falência da política de crédito rural, que incentivou a intensa mecanização da lavoura nos anos 70 e, no período mais recente, a conjuntura adversa em que a dívida acumulada no período dos planos econômicos, as elevadas taxas de juros e os preços declinantes da produção agrícola contribuíram para a descapitalização do produtor rural.

Nos dois primeiros meses de 1997, a produção total de máquinas agrícolas registrou significativa expansão de 52% sobre igual período do ano anterior. Dentre os diversos tipos de equipamento oferecidos pela indústria, a maior expansão (98%) se deu no segmento das colheitadeiras, sem dúvida em função da fase do ano agrícola, que é justamente a da colheita da safra de verão. Mas também a produção dos tratores de rodas teve crescimento significativo (58%).

Também as vendas ao mercado interno de máquinas agrícolas se expandiram no primeiro bimestre de 1997. É verdade que a expansão das vendas ao mercado interno foi menor (42%) do que a registrada na produção (o aumento de 45% nas exportações contribuiu para absorver a produção do período). Observa-se também neste caso maior expansão na aquisição de colheitadeiras (88%), ao passo que as vendas de cultivadores se reduziram bastante (-25%). No segmento de tratores de rodas também se verificou uma queda nas vendas de máquinas de menor potência (os tratores de até 49hp venderam menos 22%). Já os tratores de 50 a 99hp e os de 100 a 199hp cresceram 59 e 11%, respectivamente. Provavelmente, esse aumento das vendas de